

Proibido para crianças

Os parquinhos abandonados e com brinquedos quebrados e mal conservados são parte de uma realidade que não combina com a idéia defendida pelo urbanista Lucio Costa durante a concepção da cidade. O criador de Brasília sonhou com um espaço no centro de cada superquadra onde as crianças pudessem aprender os primeiros passos, brincar, tomar sol, fazer amizades e passar o tempo.

A idéia original, porém, foi abandonada ao longo dos anos. Hoje, a infância perfeita das entrequadras não existe. No parquinho da 405 Sul, por exemplo, os pais já perceberam o risco. Lá, a areia virou mato, o escorregador está quebrado, as gangorras estão enferrujadas e os balanços desapareceram.

O abandono transformou o playground em lugar proibido. Crianças não brincam ali há três anos. “Não deixo meu filho ir, é sujo demais”, afirma a dona-de-casa Erivanilda da Silva Santos, 28 anos, mãe de Pedro, 5. O garoto, então, passa os dias em frente à televisão.

Assim como acontece na quadra de Pedro, as irregularidades viraram regra na maior parte dos parquinhos. A Administração de Brasília e a Novacap, que são responsáveis pela manutenção e limpeza dos parques infantis, sequer sabem onde eles estão. Os funcionários da Novacap disseram à reportagem do **Correio** que não tinham a relação dos playgrounds públicos da cidade. Os da Administração de Brasília ofereceram apenas a lista, incompleta, dos parquinhos da Asa Sul. Na prática, os parques ficam por conta das prefeituras de quadra.

Ou não ficam por conta de ninguém. É o caso da 206 Norte. Com a prefeitura da quadra desativada há dois anos, o parque também foi abandonado. A sujeira tomou conta do espaço, o balanço está enferrujado, não há grades de proteção, a areia está cheia de pedregulhos, a placa que avisa da revitalização está quebrada e pichada. A visão é de abandono. Como acontece também nos dois parquinhos da 108 Norte. Em um deles, dois dos três balanços estão quebrados. No outro parquinho — que não é cercado — são dois balanços estragados. E as próprias crianças da quadra passam longe do lugar.

Menos mal. Assim elas não correm o risco de se machucar. Afinal, segundo especialistas em segurança infantil da Sociedade Brasileira de Pediatría, o número de acidentes com crianças em playgrounds e nas escolas, no Brasil, só não é maior do que o de acidentes domésticos.

“Simples tombos podem ter graves consequências por causa das más condições dos parquinhos”, lamenta a pediatra Marilúcia Picanço, membro da Sociedade de Pediatría de Brasília. Marilúcia já chegou a atender crianças

Antonio Siqueira



OS BALANÇOS DOS DOIS PARQUES EXISTENTES NA 108 NORTE ESTÃO QUEBRADOS. O CENÁRIO É DE ABANDONO. A GAROTADA NÃO SE ARRISCA A BRINCAR NO LOCAL

com traumatismo craniano porque o brinquedo do parque não estava instalado em altura adequada.

A médica também alerta que as crianças devem estar sempre acompanhadas de adultos durante as brincadeiras. “Pais e mães têm de auxiliar o filho na utilização dos brinquedos, devem ficar próximos para evitar situações de perigo.” Acidentes acontecem até mesmo em parques seguros, se os adultos não estiverem atentos.

SEM LEI

A Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) elaborou regras para parques infantis há dois anos. O documento especifica a dimensão dos brinquedos, a distância em que os equipamentos devem ser instalados e o material adequado. Também prevê que eles tenham um livro para registrar acidentes e que sejam feitas vistorias semestrais.

O documento da ABNT serviu de base para a

criação de leis municipais de segurança em playgrounds de cidades do interior paulista. Em Brasília, os parques não são obrigados a estar de acordo com as especificações porque não há lei que trate do assunto. O administrador interino de Brasília, Luís Oliveira Gomes, diz que não há funcionários suficientes para realizar a fiscalização das condições de uso. “Temos uma parceria com as prefeituras de quadra, elas devem informar quando o parquinho não está nas condições necessárias.”

O bom exemplo

O parquinho tem a cara da quadra. Se a grama da quadra é aparada, a grama do parquinho também é. Se a quadra tem jardins, o parquinho tem. Se os prédios e construções da quadra são pintados e conservados, os brinquedos do parquinho também são. Um esmero leva ao outro. Assim como o abandono. Tudo depende do esforço das prefeituras comunitárias na conservação dos espaços.

Esforço, aliás, que não falta à prefeita da 304 Norte, Maria do Carmo Simões, 60 anos. Eleita em 1º de novembro do ano passado, ela logo colocou a mão na massa. “Tudo feito pela comunidade”, divide as honras, humilde. Cobrando R\$ 1 de cada apartamento da quadra, ela arrecada R\$ 504 mensais. Com o dinheiro, arrumou banquinhos, trocou balanços, colocou plantas e reconstituiu o alambrado.

Uma vez por semana, o parquinho da 304 Norte recebe um jardineiro da Novacap, que faz a manutenção. A prefeitura conseguiu um ponto de água da Caesb, para refrescar a molecada. Mesmo que o ponto tenha custado R\$ 480. “Apertando daqui, apertando dali, a gente consegue arrumar as coisas”, ensina Maria do Carmo.

Na 211 Sul também está instalado um parquinho exemplar. A placa no portão de acesso avisa que ali não entram cachorros, nem garotos maiores de 12 anos. Há dois escorregadores, argolas e barras de fazer exercício em miniatura. Mas o brinquedo preferido é um carrossel com sete elefantes coloridos — iguais àqueles de parquinhos pagos.

A prefeita da quadra, Deuzimar Gomes Barbosa, 48, mãe de três filhos crescidos, é caprichosa. Com ajuda dos moradores — um salário mínimo de cada um dos dez blocos — concluiu a há um ano e seis meses a reforma do lugar antes abandonado. “A quadra é como se fosse minha casa”, confessa Deuzimar que, como Maria do Carmo, tem a ajuda de um jardineiro da Novacap. De acordo com a assessoria de imprensa da Novacap, funcionários da empresa trocam a areia do parquinho sempre que o prefeito de quadra faz o pedido.

BRINCANDO COM SEGURANÇA



maiores quando as crianças caem sobre asfalto, concreto, grama ou terra.



Precisam, também, estar instalados com distância suficiente para evitar trombadas entre as crianças.

O chão deve ser macio e coberto com areia, pneus picados, farelo de madeira ou borracha. Os ferimentos são

O parque precisa estar cercado para evitar que crianças menores corram para a rua e que

Os brinquedos devem estar separados por idade: uma parte de zero a cinco anos e outra de seis a doze anos.



escorregadores. Os de superfície metálica precisam estar em local protegido do sol para que não absorvam muito calor.



das crianças para o caso de acontecer algum problema.

■ Os brinquedos de plástico devem ter selo do Inmetro

Os balanços devem ter encostos e estar dispostos dois a dois.

Corrimões de acesso são obrigatórios para os

Pais, mães ou responsáveis devem estar sempre perto



estar bem feita para evitar ferrugem.



Os brinquedos de madeira devem ser feitos com material resistente (como



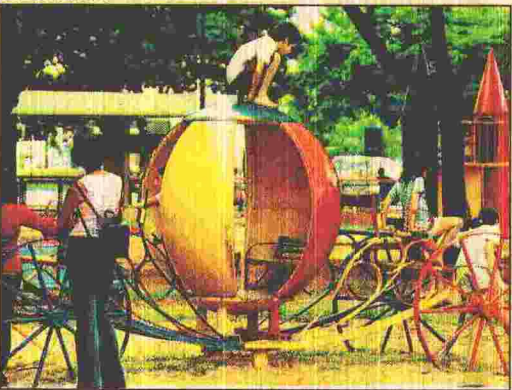
esmagados.

Os brinquedos de estrutura tubular metálica devem ser resistentes e comquinas arredondadas. A pintura deve

Os brinquedos de madeira devem ser feitos com material resistente (como

O assento das gangorras não pode encostar no chão, caso contrário os pés das crianças podem ser

Acácio Pinheiro



TRADIÇÃO ESQUECIDA

O parquinho Ana Lúdia, localizado no Parque da Cidade, faz parte da memória afetiva de todos os que cresceram em Brasília nas duas últimas décadas. Nem por isso merece tratamento especial. Os brinquedos de ferro estão enferrujados, com a pintura gasta e têm quinas que podem provocar acidentes. Permanecem os mesmos desde que o parque foi inaugurado em 1978. O administrador do Parque da Cidade, Cássio Poli, justifica que o intenso fluxo de pessoas e o uso incorreto estragam os brinquedos. Cássio conta que os visitantes mais saudosos não pensam duas vezes antes de sentar em balanços que já foram deles. “Os pais que já brincaram aqui, voltam e se sentem no direito de usar os brinquedos.” No final deste mês os brinquedos devem passar por uma reforma geral.

O parquinho da 110 Sul também está em péssimas condições. Apesar de cercado, a areia do playground tem muitas pedras e dois dos seis balanços estão sem assentos. O trepa-trepa é um perigo. Está instalado a mais de dois metros do chão. A prefeita Olinda Borges reclama da falta de apoio dos vizinhos e governo. “A educação é inexistente e os moradores não têm cuidado.” A prefeita já pediu a reforma do parquinho à Administração de Brasília, mas não teve resposta.

BRINQUEDOS PICHADOS

Em algumas quadras, porém, a realidade é outra. Os brinquedos do parquinho da 104 Norte foram pichados no ano passado. O telhado de laje colorido da casinha (que tem balanço e gangorra) foi quebrado quatro vezes. Na areia, os cacos pontiagudos assustam quem entra no parque. “É um perigo para as crianças”, diz Maria das Graças Borges Moreira, 49, prefeita da quadra há quatro anos. Sempre que é preciso dinheiro para reformas

na superquadra, os 11 condomínios pagam, cada um, R\$ 90 para a prefeitura. O dinheiro não é suficiente para garantir a conservação dos brinquedos.

“A Administração de Brasília deveria fiscalizar os parques, ver se os brinquedos precisam de conserto. Dependemos da ajuda da comunidade”, reclama. Maria das Graças conta que a casinha do parque é quebrada a cada dois meses. Até ser consertada, as crianças passam um mês brincando sobre os cacos. “O vandalismo é forte.”